

Área de Escavação Arqueológica

As primeiras intervenções arqueológicas produziram-se a princípios da década dos anos noventa a causa do projecto de restauração da Torre e o seu entorno, que convocou o Ministério de Obras Públicas e que ganhou a equipe dirigida por Pablo Latorre. Dito projecto tinha como objectivo a restauração do farol, coincidindo com a comemoração do segundo centenário da reconstrução empreendida por Eustáquio Giannini e a sua reabertura ao público. Apesar de que até então não se tinham escavado os alicerces da Torre, esta era uma velha reclamação que tanto Luis Monteagudo, director do Museu Arqueológico e Histórico de A Corunha, como Theodor Hauschild, arquitecto e director do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa, tinham apresentado com anterioridade, porque era o único modo de documentar a estrutura do farol na época romana.

Finalmente, em 1991 ocorreram uma série de coincidências que permitiram poder escavar debaixo da plataforma de pedra da Torre. Os trabalhos começaram em Junho de 1992, sob a direcção do arqueólogo Luis Caballero Zoreda, membro da equipe do projecto de restauração da Torre, e José M. Bello Diéguez, avalizado pelo Museu Arqueológico do Castelo de Santo António.

Desde os inícios da intervenção constatou-se a complexidade estratigráfica do subsolo, o que aconselhou ampliar a área da escavação, de forma que se passou de umas sondagens iniciais a uma escavação na área. Intencionadamente preservou-se um sector de 90º no que não se actuou para podê-lo fazer num futuro, quando os meios técnicos sejam mais sofisticados que na actualidade. A escavação arqueológica não se pôde terminar, porque o orçamento se exauriu quando se alcançou os níveis romanos na fachada principal do monumento.

O interesse dos restos encontrados justificou a consolidação in situ de parte das estruturas e a sua posterior conservação e exposição num museu. Desde 1994 os visitantes podem recorrer a escavação e contemplar todos estes testemunhos, como observadores mudos da história.

A escavação foi feita por unidades estratigráficas. Nos níveis de época contemporânea, os que se encontraram nas capas superiores, foram localizados restos de sucessivos pavimentos de épocas recentes e condutos eléctricos.

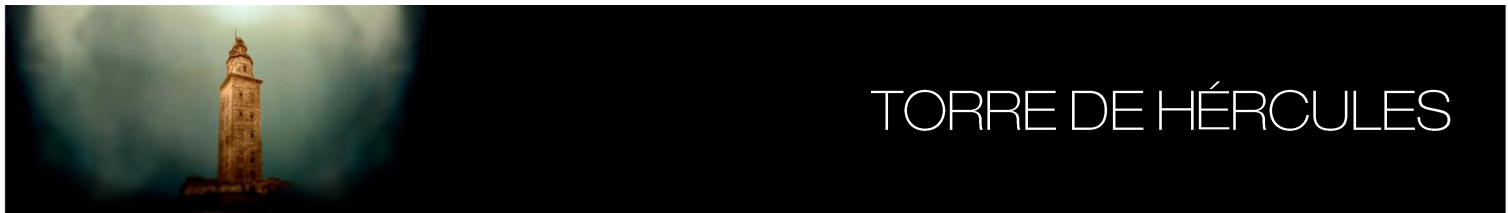
Nos níveis correspondentes à restauração de Giannini (1788-1791) documentaram-se recheios para nivelar a plataforma, áreas de talha de pedra e preparação de massas, assim como negativos de implantação de andaimes, etc.

Os restos da época moderna, séculos XVI ao XVIII, correspondem-se com o momento no que a Torre recuperou a sua função de farol e começou a ser incluído o seu nome ou a sua imagem nas cartas náuticas. Pelas evidências arqueológicas sabemos que o edifício estava rodeado de uma estrutura defensiva (fosso e muro), o qual dificultava o acesso ao interior do farol, porque as portas estavam a uma altura aproximada de 2,50 m, com respeito ao chão. Para salvar esta distância utilizava-se uma escada de madeira que podia ser retirada em caso de assédio. Ao cuidado da Torre ou do Castelo Velho, como então se chamava, estavam os sentinelas, que se encarregavam do sistema de sinalização marítima. Estes homens enfrentavam-se a longas jornadas de trabalho e uma forma de passar o tempo era fumar aos pés da Torre lentamente o seu cachimbo, enquanto miravam o horizonte ou forrar os botões das abotoaduras da época. A prova disto está nos fragmentos de cachimbos de cerâmica que se acharam neste nível e as placas de osso que serviam para forrar os botões.

Nos níveis medievais que se assentam sobre o chão tardio romano encontraram-se restos de grandes lajões, possivelmente fizeram parte da parede exterior, que apresentavam pegadas dos grampos de ferro que firmavam a sua solidez, ademais de fragmentos de uma cornija monumental que provavelmente procedia do arremate da Torre. Junto a todos estes materiais localizaram-se numerosos silhares romanos afectados pela meteorização que foram descartados no século XIII, porque não podiam ser reutilizados noutras construções. Também foram achados restos de uma construção encostada à parede exterior da Torre, pelo sul, que provavelmente dava serviço ao edifício, quando este desempenhava a função de vigilância para alertar dos possíveis ataques das armadas normandas e muçulmanas. Nesta edificação foram localizados restos de uma cozinha, assim como fragmentos de cerâmica procedentes das vasilhas que utilizavam no fogão.

Ainda que não se pôde chegar aos níveis romanos na área de entrada à Torre por falta de fundos, no resto da zona escavada foi possível documentar a existência dos alicerces romanos que sobreviveram apesar de todas as agressões sofridas durante estes 2.000 anos de existência, entre outras a espoliação sistemática de lajões entre os séculos XIII-XVI, o saneamento dos alicerces que realizou Giannini quando restaurou a Torre e que afectou aos restos, a construção de um túnel na década dos anos cinquenta para os fareleiros ou, inclusive, apesar de um profundo buraco escavado com pá que se abriu em 1974 nesta zona sem nenhum tipo de controlo arqueológico.

Este alicerçado da época romana está constituído por grandes silhares de granito, restos de massa de cal e a rocha viva sobre a que se assentou a construção. Também chegaram até nós os sulcos que lavraram na roca madre para encaixar os silhares, o que permite



conhecer o traçado primitivo do muro exterior que protegia a rampa de acesso à lanterna e que desapareceu por obra do passo do tempo e a espoliação de materiais.

Na actualidade, o visitante tem acesso ao farol através da área escavada, de forma que o primeiro contacto que tem com o monumento é através dos testemunhos arqueológicos que se localizaram debaixo da plataforma da Torre. Num futuro imediato, os visitantes terão à sua disposição um Centro de Recepção de Visitantes, que já está construído perto do estacionamento de carros, e um Centro de Interpretação que entrará em funcionamento a princípios do próximo ano e que permitirá dar a conhecer o valor excepcional que tem este bem Património Mundial.